

1/8/91 A lição de Mandela ^{0 Dia}

RUTH DE AQUINO



O Brasil vai ter que rebolar para convencer o líder negro sul-africano Nelson Mandela de que vivemos numa democracia racial. É bem verdade que hoje ele visita um

Ciep, onde crianças brancas, pretas e mulatas brincam e comem juntas. E no seu roteiro está a Bahia, onde os mestiços são maioria absoluta. Mas, se tiver um pouco de tempo para percorrer de carro as ruas do Rio, se espantará ao ver praticamente só crianças negras e mulatas dormindo ou vendendo coisas nos sinais.

Os repórteres que o entrevistarão serão provavelmente brancos, a não ser que jornais ou TVs escolham deliberadamente enviar um ou outro solitário representante da raça negra atrás do ilustre visitante. As autoridades com que se encontrará também são brancas – à exceção de alguns deputados. Ele, que se avistou com o prefeito negro de Nova Iorque ao visitar triunfalmente os Estados Unidos no ano passado, vai estranhar. Afinal, disseram a ele lá na África que negros e mestiços formam metade dos 145 milhões de brasileiros.

Se for a alguma favela, vai se recordar nitidamente de Soweto e Crossroads – lá como cá, os negros são pobres e vivem sem água nem esgoto. Ficará ansioso à espera de conhecer represen-

tantes da burguesia negra, que até em seu país existe. Em vão. Não entenderá ao sentir a ausência absoluta de negros nos hotéis em que se hospedar no Brasil – a não ser as cozinheiras, os manobreiros e os faxineiros. Mas, quem sabe, até aí ele nem vai notar. Todo aquele burburinho, os flashes, a agenda apertada...

Na sua suíte, certamente ligará a TV para ver os artistas brasileiros negros nos comerciais, nas novelas (soube que são muito populares) e nos filmes. Afinal, no país do **apartheid** os negros também aparecem na TV em filmes românticos, falando idiomas como zulu ou xhosa. Surpresa: os comerciais só têm louras ou morenas praticamente, nas novelas o negro é escravo ou empregado e, nos filmes, só os americanos tornam negros heróis em histórias policiais. Afí, se pedir para ir a uma universidade para checar quantos negros chegam ao ensino superior, ficará surpreso e confuso.

De terno, elegante como sempre, sereno no cerco de seguranças e curiosos, com a força do carisma testado nas principais cidades do mundo, Mandela bem que poderia ser visto pelos brasileiros como uma espécie de professor visitante. Se não der para o país aprender um pouco de integração racial numa passagem tão breve, pelo menos dá para a sociedade perceber que **apartheid** não é só aquilo que acontece lá do outro lado do Atlântico.